

**O prazer como mercadoria: um olhar sobre as sujeitas de  
Guarapuava-PR**

**The pleasure merchandise: a see on the subject of Guarapuava-  
PR**

Rodrigo dos Santos\*

SALDANHA, Terezinha. *O Comércio do prazer: prostituição em Guarapuava (1945-1964)*. Guarapuava: UNICENTRO, 2013.

---

\*Graduado em História (UNICENTRO), Especialista em Educação do Campo (ESAP) e Docência do Ensino Superior (UNOPAR). Mestre em História(UNICENTRO). Atualmente é Professor Substituto da Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS/Campus Laranjeiras do Sul. E-mail: [digao\\_santos@hotmail.com](mailto:digao_santos@hotmail.com)

O livro *O Comércio do prazer: prostituição em Guarapuava (1945-1964)* retrata a história da prostituição em Guarapuava, Estado do Paraná, no período de 1945-1964, analisando as relações sociais entre os moradores do município, as prostitutas e os discursos sobre o legal, moral e real. Ao analisar a história das prostitutas guarapuavanas, Terezinha Saldanha contribui significativamente para a historiografia das mulheres e do gênero. Sua pesquisa que é originária do mestrado defendido em 1998 na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP, Assis-SP) enfatiza sujeitas com pouco destaque pela historiografia, por isso, Terezinha Saldanha é pioneira nos estudos sobre mulheres e gênero na região de Guarapuava e também contribui satisfatoriamente com os trabalhos historiográficos brasileiros.

Antes de adentrar efetivamente na obra aqui resenhada é necessário apresentar essa autora e seu lugar de produção. Terezinha Saldanha possui graduação em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), mestrado em História dos Movimentos Sociais pela UNESP, e doutorado pela mesma instituição. Atualmente é professora da UNICENTRO, atuando em temas com ênfase em História do Brasil Colônia, especialmente: violência, ensino, mulheres e defloração. Entre outras atividades exercidas, a autora é coordenadora do Centro de Documentação e Memória de Guarapuava (PR)- CEDOC/G, situado nas instalações da UNICENTRO. Igualmente é importante mencionar que o estudante que resenha essa obra teve contato com essa professora, sendo seu aluno nas disciplinas de História do Brasil I, II e III na UNICENTRO, por isso, possui um percurso para comentar sobre essa obra.

Sobre as fontes e metodologia utilizadas nessa obra, a autora apresenta com sensibilidade a análise da documentação sobre prostituição do já mencionado CEDOC/G e do arquivo da Câmara Municipal de Guarapuava (PR). Igualmente Saldanha trabalha com relatos orais, utiliza do rigor necessário da história oral e opta pela história de vida dessas sujeitas, devido à escassez documental. Merece menção sobre a introdução deste livro a apresentação da senhora Maria do Belém, cafetina aposentada que forneceu nomes de outras cafetinas e outras prostitutas. Maria do Belém ou Mariquinha, como também era conhecida, fez questão de pedir para a autora a preservação de seu nome real na obra, além de demonstrar grande interesse pela pesquisa, acompanhando algumas entrevistas. Saldanha, ainda manteve o cognome de Catita, proprietária de uma conhecida casa de prostituição em Guarapuava (a única em alvenaria no período), os demais nomes de homens e mulheres foram substituídos por fictícios.

A obra é dividida em seis capítulos, sendo eles: I- *Guarapuava na ordem das normas e das práticas prostitucionais*, II- *Prostituição: experiência de vida e cotidiano*, III- *Gerentes, inquilinas e filhos*, IV- *Prostituição: instituição, regra e sociedade*, V- *Prostituição: vida e história de vida*, VI- *A prostituição: experiência e sociabilidade*. Alia-se a esses capítulos: a aba do livro de autoria

da Professora Beatriz Anselmo Olinto (Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), a apresentação pela Professora Ruth Rieth Leonhardt (Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP), introdução, considerações finais e referências. Nos parágrafos seguintes discorre-se sobre os capítulos, apresentando as especificidades de cada um.

O primeiro capítulo (*Guarapuavana ordem das normas e das práticas prostitucionais*) divide-se em dois itens. O primeiro item (*Guarapuava e seu contexto histórico na emergência da prostituição*) apresenta a importância histórica do Município de Guarapuava para o Brasil e um panorama da “descoberta” de Guarapuava até o surgimento das primeiras casas de prostituição. Segundo a autora, Guarapuava possuía uma área de 175.000 Km<sup>2</sup>, mas sofreu desmembramento. Sua importância além do aspecto territorial encontra-se igualmente na historicidade. Em 9 de setembro de 1970 os Campos de Guarapuava foram “descobertos” por uma bandeira, e posteriormente esquecidos até 1808 quando chegou a família real ao Brasil. A expedição real chegou ao Município de Guarapuava em junho de 1810, trazendo aproximadamente trezentas pessoas. O município desde seu início permaneceu com a atividade tropeira e nos anos de 1950 desenvolveu as atividades de comércio, serviços e indústria, com os produtos erva mate, pecuária e madeira.

Com relação ao início da prostituição, a autora apresenta que possivelmente o surgimento como atividade econômica relaciona-se com as escravas de ganho que posteriormente fixaram-se nos prostíbulos. Efetivamente em Guarapuava os indícios apontam a criação dos primeiros prostíbulos em 1908 nas proximidades da Lagoa das Lágrimas e da Catedral Nossa Senhora de Belém. Destaca-se ainda neste item, uma história contada pela pesquisadora sobre a relação entre moradores e prostituição. O fato inicia com um princípio de incêndio na Catedral, na saída duas moças foram mortas pisoteadas. Inicialmente uma foi identificada como prostituta e a outra pela desfiguração do rosto não conseguiram sua identificação. Os prostíbulos foram fechados para o velório das moças em um deles. No entardecer percebeu-se que uma das jovens era a filha de uma autoridade da localidade, pela presença de um anel em seu dedo.

O segundo item (*A prostituição e a normatização das práticas*) aponta que cada sociedade age/ageu de forma diferenciada com a prostituição, apesar disso, o Estado (enquanto instituição) basicamente têm três atitudes: declarar sua proibição, regulamentar a prostituição e os prostíbulos, ou exclui a prostituta de qualquer coação decorrente de sua profissão. Na antiguidade greco-latina a prostituição era regulamentarista, Roma possuía bairros específicos para a prostituição. Na Idade Média, utilizava-se da proibição e da regulamentação. No Brasil as primeiras preocupações com a normatização da prostituição foram efetivadas no final do período imperial com as discussões sobre higienização.

A prostituição era entendida como um mal necessário, por isso a tolerância em determinados locais das cidades. Em Guarapuava o modelo adotado foi o de confinamento, importado da França, com início em 1908 seguindo até a década de 80 do século XX, nos anos finais as casas de prostituição foram retiradas do confinamento, adentrando aos vários bairros do município com destaque para a prostituição de rua.

Neste item Saldanha também aponta que no Brasil a prostituição e a prostituta não são punidas criminalmente pelo Código Penal Brasileiro de 1940, em seus artigos 227 e 233. São punidos o lenocínio e o tráfico de mulheres. Apesar dessa não punição, algumas práticas para o controle das prostitutas foram realizadas em Guarapuava até os anos de 1990, em que a atividade deixou de ser exclusivamente confinada em casas de prostituição e começaram a ser realizadas nas vias públicas. Para que as prostitutas pudessem andar nas ruas deveriam possuir uma carteira funcional que ao sair do prostíbulo eram retidas na polícia civil, registrando o horário de saída e retorno. Também deveriam possuir uma carteira de exames, feitos regularmente para o controle sanitário.

O segundo capítulo dessa obra (*Prostituição: experiência de vida e cotidiano*) apresenta relatos fantásticos sobre as cafetinas e a organização dos prostíbulos no Município de Guarapuava. O primeiro relato sobre cafetina foi o de Catita, mulher rica que manteve uma das mais luxuosas casas de prostituição no município com média de quarenta funcionárias. Apesar de rica Catita ficou pobre com a mudança da zona de prostituição para o Morro Alto, ou quem sabe, por um amante que se aproveitou da cafetina. Diante disso, morreu sendo sustentada por uma ex gerente de sua casa de prostituição, com funeral pago pela Prefeitura Municipal de Guarapuava.

O segundo relato é sobre Dona Mariquinha (na publicação da obra com oitenta e dois anos), que possuía residência oficial, mas dedicava-se secretamente as atividades de prostíbulo até que foi surpreendida por uma batida policial. D. Mariquinha ficou viúva com dois filhos e foi aconselhada a abrir uma casa de prostituição para sustentar a família, ficando muito rica. Posteriormente a isso, casou-se novamente vivendo com poucos recursos e com a ajuda de amigas ainda do auge de sua atividade econômica. Segundo a mesma, perdeu seus bens por causa do segundo marido que nunca quis trabalhar, usufruindo de seus recursos. Mariquinha, diferente de Catita, possuía bordéis e não casas, o que na hierarquia da prostituição se apontava como casas mais modestas, que serviam apenas sopas para suas inquilinas, costurando e não comprando suas roupas.

A história de Índia (no momento da entrevista, 1996, proprietária de uma casa de prostituição com grande fluxo no Morro Alto) é repleta de dramas, quando criança perdeu a mãe e o pai, e sem condições para sustentá-la entregou para uma família que posteriormente entregou-a novamente para parentes sem filhos. Sendo considerada rebelde foi internada em um reformatório em Curitiba

(PR). Em seguida, foi acolhida por uma professora que a explorava em um bar da família, constantemente sendo assediada pelo seu filho e espancada. Depois disso, fugiu com uma colega para o distrito guarapuavano de Pitanga (atual município de mesmo nome), mas a situação era difícil trabalhando duramente junto com a família. Diante disso, fugiu com um circo, e sobre promessas de casamento, ao contar para a esposa do indivíduo das promessas, foi obrigada a abandonar a localidade. Chegando à Guarapuava, encontrou um namorado e engravidando foi abandonada, doando a criança. Com isso, foi acolhida pelas prostitutas. Com a mudança da zona de prostituição da Vila Pequena para o Morro Alto, utilizou de dinheiro guardado e fundou seu próprio prostíbulo.

Os últimos relatos desse capítulo são os de Bahiana, Brigith e Kátia, mulheres que não quiseram falar muito sobre seu passado. A primeira (denominada de Bahiana, apesar de ser mineira) no período de sua entrevista (1996) com sessenta e cinco anos alugava quartos para prostitutas. Ela veio de Minas Gerais depois de abandonar o marido e os filhos, mas ao chegar a Guarapuava possuiu vários maridos e abortos, sendo também prostituta na Vila Pequena. A segunda, Brigith, foi a única a afirmar que foi prostituta de rua, exercendo essa atividade para sustentar os filhos, mas que eles nunca souberam de sua profissão. Na sua entrevista (1996) também alugava quartos para prostitutas que moravam com familiares e não tinham lugar para levar os clientes. A terceira, Kátia, a mais reservada, afirmou que foi proprietária de uma casa de tolerância, mas que não exerceu a profissão apenas pegava dinheiro com a gerente. Com o passar dos anos, ao ir morar nos arredores do Município de Guarapuava vendeu a casa.

O capítulo terceiro (*Gerentes, inquilinas e filhos*) apresenta as relações econômicas das mulheres que se dedicaram a prostituição. Apenas para instigar o leitor para a obra apresentam-se sucintamente os relatos dessas personagens. Rosilda, gerente por trinta e oito anos da casa de prostituição de Catita (nunca se prostituiu), deixou a atividade de empregada doméstica para exercer essa nova atividade, sendo seu depoimento fundamental para apontar o dia a dia e as normas da casa de Catita. Joyce iniciou na atividade aos treze anos de idade. Ao ingressar na profissão embebedava seus clientes durante o dia em troca de comissão, em um episódio foi presa e posteriormente adquiriu uma doença, passando por uma cirurgia. No período de sua entrevista (1996) possui uma casa de prostituição em Foz do Iguaçu (PR), outra em Pitanga (PR), além de um bar e uma casa particular. Rose, negra, foi cozinheira da casa de Catita, com setenta e oito anos no período da entrevista faz questão de não lembrar quase nada. Afirma que não se prostituiu, mas vivia no meio das festas.

Outra personagem desse capítulo foi Lolita, estuprada aos dez anos, posteriormente a única opção foi dedicar-se a prostituição. Era uma das três meninas menores de idade da casa de prostituição de Catita. No período da entrevista encontra-se casada pela terceira vez, desistiu da profissão, realizando

atividades de coleta de lixo e lenha, junto com o marido, para sustentar a família. Neide é uma senhora que possui nove filhos, todos com curso superior sustentados pela profissão, rendeu-se a prostituição depois de ficar viúva. Por último, a história de Márcia, mulher que tem na sua casa um prostíbulo (um único quarto e um bar com meia dúzia de garrafas de bebidas). Não possui inquilinas, agência homossexuais para clientes e possui algumas roupas femininas para os que preferem novas experiências.

O último item desse capítulo intitula-se *Os filhos*, nesse Saldanha aponta que grande parte das prostitutas aderiram a profissão para sustentar seus filhos. A autora apresenta a relação das prostitutas com seus filhos, sendo que em alguns casos esses foram abandonados por elas inicialmente e depois eles as abandonaram no fim de suas vidas. Outros filhos, quando concebidos durante a atividade econômica nem chegaram a nascer. Há ainda, aqueles que foram criados por parentes ou pelas cafetinas em pensões.

O capítulo IV (*Prostituição: instituição, regra e sociedade*) apresente os itens: *Razões da prostituição, Um comércio, Bordéis: a busca do prazer*. No primeiro item, entre as muitas razões que levam a prostituição encontram-se as situações socioeconômicas. Como exemplo dessa situação, Saldanha, destaca a da mulher migrante que ao sair do campo e ir pra cidade não consegue sobreviver ou é seduzida pelo ramo luxuoso da prostituição, com isso, se prostitui, nem que seja parcialmente (meio expediente, possuiu outro emprego). No item *Um comércio*, baseada em outras pesquisas, a autora, define o que é o comércio da prostituição. Merece destaque que essas mulheres retratadas nessa obra como aponta a autora não nascem prostitutas, se tornam, sendo a prostituição uma profissão e não um estado, uma mercadoria. No último item desse capítulo, Saldanha, discute as nomenclaturas: bordel, cabaré, casa de tolerância, casa de cômodos, lares de bebidas espirituosas. Atenção especial em Guarapuava aos bordéis (a maioria dos prostíbulos) destinados aos homens de baixa renda com shows apenas aos Sábados e no dia de aniversário da casa, e o cabaré (apenas a casa de Catita) com shows diários, destinada aos homens com grande posse.

O quinto capítulo dessa obra (*Prostituição: vida e história de vida*) apresenta a relação entre população local, poder público, bordéis e prostitutas. Neste capítulo que possui apenas um item (*As casas de prostituição e suas regras*), Saldanha, aponta que a prostituição auxiliou na vida de muitos moradores guarapuavanos que não necessariamente se prostituíam, mas trabalhavam para as casas de prostituição. Nesse bojo encontravam-se desde empregados diretos (cozinheiras, garçons, gerentes, entre outros) até indiretos (especialmente, as lavadeiras que depois de terminarem o cuidado com as roupas, as encaminhavam para seus maridos levarem até os bordéis). Muitos não se importavam por serem vizinhos dessas sujeitas, pois era por meio delas que ganhavam seu sustento.

Outra relação apontada pela autora, nesse capítulo, é das prostitutas com o poder público, para a realização de atividades diferente das habituais (especialmente os shows das corres de Catita) os prostíbulos pagavam taxas extras, se pagava habitualmente para abrir um bordel e posteriormente se pagava para a realização de shows ou venda de bebidas e cigarros. A relação do bordel, mas não da prostituta, com a polícia era amistosa, desde que essa não encontrasse com os soldados do exército que geralmente promoviam discussões e brigas, gerando prejuízos para as casas.

O sexto e último capítulo da obra (*A prostituição: experiência e sociabilidade*) divide-se em dois itens. O primeiro *As funções da prostituição* apresenta como essas mulheres tinham dificuldade de mudar de atividade econômica, as relações conflituosas entre amante (protetor da prostituta) e sua esposa, destacando que muitas não acreditavam no amor de um homem e quando acreditavam geralmente ele findava logo, sendo a função principal da prostitua dar prazer enquanto a da esposa proporcionar a procriação. Nesse item se apresenta a estigmatização da prostituta, sempre vista como uma mercadoria, uma coisa. Igualmente se menciona a relação entre prostitutas e autoridades locais, a perseguição e a necessidade de dar prazer, mesmo que de graça para os profissionais da lei para que esses as protegessem.

Neste mesmo capítulo, o item *Os papéis da mulher* aponta que a sociedade enfatiza a mulher como a dona do lar, sempre submissa, primeiro ao pai ou ao irmão e depois ao marido. Mesmo submissa ao marido, a mulher possuiu alguns poderes delegado por ele: cuidar da educação dos filhos ou quem sabe, as mais abastadas, gerenciar os empregados. Apesar disso, ainda era submissa, com a pílula anticoncepcional e o aumento do nível de instrução conseguiu ser livre, a mulher conquistou novos espaços. Neste item, Saldanha, faz um percurso da liberdade dessa mulher, um percurso não com caráter generalizante, ela aponta especificamente algumas resistências femininas.

Como julgar esses sujeitos e sujeitas que exerceram e exercem a atividade da prostituição? É certo ou errado? Existe certo e errado? A partir da leitura da obra *O Comércio do prazer: prostituição em Guarapuava (1945-1964)* de Terezinha Saldanha, isso é evidente: não existe certo ou errado! A função do historiador e da historiadora não é julgar o passado, presente e a possibilidade de um futuro, mas a função principal da história é compreender. A história é compreensão, é enaltecimento dos esquecidos, daqueles que foram/são marginalizados. Por fim, enfatiza-se que a obra aqui resenhada é relevante para os estudos históricos que aliam história e prostituição, especialmente pela sua riqueza de detalhes ao apresentar as sujeitas prostitutas, muitas vezes esquecidas pela sociedade por serem consideradas inferiores.

**Resenha recebida em julho de 2016. Aceita em setembro de 2016.**